

Manuel Tomás

AS RAPARIGAS LÁ DA MINHA RUA



transatlântico nova série | 002

A MINHA RUA E A MONTANHA

Não preciso de outro deus, chega-me a Montanha. Entendo o Espírito Santo como o Espírito da Montanha, sempre presente na ilha, modelando-a geograficamente e modelando o viver dos homens em torno do mar.

Luísa Franco, *A Montanha e o Titanic*

A infância é uma brecha de tempo na rua da nossa memória. São os cheiros da terra lavrada em Março e dos milheirais que já não existem a rivalizar com os odores das vindimas, quando ouvíamos o vinho doce a escorrer dos balseiros, e íamos dando à manivela aos moinhos em cima dos carros de bois, parados no caminho, à porta da loja, e bebíamos um líquido de esperança para uma vida ainda a prometer, antes do sufocante cheiro inebriante das borras do alambique, antes, antes de quase todos termos emigrado para as Américas ou para outras ilhas e para o continente.

Na ilha, somos sempre véspera de embarque, como nos disse o poeta José Martins Garcia, ali da Criação Velha, e moramos no cimo de uma escaleira pronta para nos introduzir na lancha que há-de atravessar o Canal para qualquer lado e para que fiquemos sempre presos a essa linha de água traçada no mar e que se apaga logo, mas fica sempre viva e ligada na lembrança e na vontade de um dia regressar.

Gostávamos de ver os vapores a caminhar rumo à linha do horizonte, porque esses iam todos para o oeste, rumando para a América e para o Canadá, e isso era o sonho de toda a gente lá da minha rua, que se animava mais quando chegava uma carta ou uma saca de roupa. A saca de roupa da América era um acontecimento e quem não recebia ficava triste, como sucedia comigo, pois morava fora do alcance de tal dádiva, porque nem os irmãos de meu pai ou as irmãs de minha avó se lembravam de nos contemplar com tal presente que, quando ia à estação dos CTT, na vila, via em montes até ao tecto da sala.

A minha rua tem história, sobretudo estórias, e até tem nome oficial de pessoa ilustre, mas na toponímia do meu coração só a quero conhecer como a *Rua de Cima* e nada mais. Quero mais, quero conhecê-la apenas como a minha rua, aquela de onde nunca cheguei a sair, mesmo depois de nunca mais lá ter vivido. Na verdade, só lá vivi dez anos de uma forma contínua e fisicamente presente. Depois, às vezes, só de férias e durante pouco tempo e nem sequer todos os anos. No final dos dez, saí e até aos dezassete só no Verão é que aparecia por lá, para espanto das raparigas e, sobretudo, para as minhas alegrias. Entretanto vagueei pelo mundo de outras terras.

A minha rua será sempre aquela onde nasci e não aquela onde vivo, porque essa rua já não existe e é por isso mesmo que é nela que eu ainda vivo sem ter vivido tudo o que ela foi.

A rua onde vivo agora também é a minha rua, mas é outra rua que é minha e não a minha rua, aquela onde estar ao pé é estar só ao pé dela, sem pensar em mais nada, como

Pessoa a ver os rios que não correm na sua aldeia e são mais bonitos do que o Tejo, porque “o Tejo é o mais belo rio que corre pela minha aldeia”. É verdade, o Tejo também correu na minha rua! Depois foi secando e já não é o mesmo, o Tejo que nunca correu lá na minha rua.

É um deambular à procura de mim, mas já lá não estou, na rua onde nasci e ainda vivo! A minha rua está ficando mais pequena, mas já foi grande, oh, como ela foi grande, tão grande que de lá víamos todo o mundo, mesmo sem ser preciso subir aos maroiços.

Já não vivo lá desde os meus dez anos, mas revivo o sítio, onde moravam as raparigas da minha vida.

Da minha rua, via o Faial a afastar-se um pouco para o outro lado do Canal, e São Jorge ainda mais para norte, noutro Canal de maior mau tempo e, sobretudo, via e adorava a Montanha, sempre à nossa frente ou nas nossas costas, mas sentia-a sempre como protectora, sempre a espreitar-nos e a gente aprendendo a estimá-la, ouvindo os adultos a perguntar-lhe, mal se levantavam da cama, quase sempre de madrugada alta, que tempo iria fazer naquele dia.

E ela, a Montanha, tinha uma adequada resposta, nunca mentia, embora, muitas vezes, não revelasse abertamente a meteorologia que nos calharia, em dias de quatro ou mais estações. Ou então escondia-se e isso, igualmente, era tido como um sinal forte sobre o tempo que teríamos de enfrentar. Se havia capelo sobre o pico pequeno, era mau tempo de certeza; às vezes, no Verão, diziam que “mostrava, mas não deitava”; se era uma longa faixa de nuvens no sopé e o resto descoberto, certo era que teríamos um dia de óptimas

condições; se a Montanha estava muito “próxima”, azuladamente impressionante na sua morfologia acidentada, ali quase à mão, ninguém se livrava de uma grande chuvada, mesmo que o céu se mostrasse todo descoberto. Era assim, que os homens escolhiam o tipo de trabalho que teriam de executar em cada dia, mas habitualmente era no dia anterior que decidiam, pois tinham como certo que a Montanha se adiantava um dia na previsão do tempo. Muito mais tarde, ouvi um meteorologista do aeroporto da Horta dizer que o pico do Pico mostrava o tempo com uma antecedência de vinte e quatro horas!

Se estou a escrever sobre a minha rua, devo-o ao desafio lançado por um velho Amigo de lá, que me telefonou de Lisboa, a dizer que eu escrevia sobre tanta coisa, mas nunca escrevia sobre a nossa Rua.

Como é que se escreve sobre a nossa Rua? A vida e as pessoas que eu conhecera lá, já não existiam lá, mas era lá que eu as conhecia e foi assim que puxei pelas lembranças e foram sempre as *Raparigas Lá da Minha Rua* que me apareceram, mesmo quando não era d'Elas que falava, era como se fosse com Elas que eu queria continuar a falar.

Sente-se, não se explica!

E foi assim que trouxe à superfície algumas andanças de outrora, quando éramos felizes e nem sempre dávamos por isso, porque o horizonte das nossas expectativas cabia todo dentro de uma mão pequena, uma pequena mão de criança.

À nossa volta cabia o mundo todo, de tal maneira que a geografia era tudo menos uma coisa complicada, uma vez que achávamos que, por exemplo, de Lisboa se via Espanha,

dizíamos uns às outras, pois nós, lá da nossa rua, com o mar em frente, e o mar era muito maior do que Lisboa, víamos e muito bem o Faial que era outra ilha, logo como era possível não avistar Espanha de Lisboa, se eram duas margens da nossa imaginação? E também deviam ser duas ilhas... porque quem nasce numa ilha só vê, mede e divide tudo e todas as coisas como se fossem ilhas.

Na minha Rua reinava a harmonia, porque ou as pessoas quase não se falavam, apenas “bom dia” ou “boa tarde”, ou então porque eram mesmo muito amigas e conviviam. Uns e umas eram padrinhos e madrinhas, com os respetivos afilhados e afilhadas. E tudo corria bem até a um dia fatídico de uma zanga que rebenta sempre, normalmente, por um motivo que nada tem a ver com a verdadeira razão que já vinha crescendo a caminho do desenlace fatal. O mesmo acontecia com a família. Tive a pouca sorte de me ver metido em duas destas situações. A familiar, não conto! A da vizinha especial, aconteceu, estou a vê-la com um copo de vidro, dos do vinho de cheiro, a pedir, ao portão, um pouco de açúcar emprestado, como ainda hoje a minha vizinha me vem pedir um limão ou um raminho de salsa, e a minha avó, que já andava a remoer a coisa, por uma razão estúpida, que também não vou contar, a dizer que açúcar era no botequim do *Mau Preira*, que ali não havia mais nada e eu, já quase a chorar, encostado ao curral do porco, a ver a cena no portão e a perceber que se ia perder uma longa e bonita amizade. Entornou-se o copo da amizade e deixaram de se falar. Apenas eu fazia a excepção e continuava a ir a casa da vizinha. Mas, nesse fim de tarde e noite fora, chorei

a desgraça da interrupção da nossa amizade, tão grande foi o corte que deixaram de ir a casa uns dos outros, começaram a ter de faltar às matanças do porco, de não ir a um casamento ou dois, de ver minha mãe lavada em lágrimas quando o afilhado chegava de Lisboa e a ia cumprimentar a sua casa, sem ela estar à espera e ele a dizer que nada tinha a ver com qualquer zanga entre as outras pessoas.

Mais tarde, com o passar do tempo, a zanga foi esmorecendo até desaparecer e foi retomada a amizade, que no fundo, nunca deixara de existir.

Por um prato de lentilhas se entrega uma herança, por um copo de açúcar se perde uma amizade. A vida é tão breve que nada justifica acabar com uma amizade, se é amizade de verdade. A amizade era tão grande, maior do que em algumas relações de parentesco próximo, que minha mãe mandou-me dizer à vizinha que tinha havido obras lá em casa, quando estávamos no período do defeso da amizade. Arranjaram-me um quarto só para mim e, para tal desiderato, tiveram de mudar o tear de minha avó, para uma casa construída, essencialmente, para o apoio à agricultura, instalando-o no segundo piso, com mais espaço e melhores condições de trabalho. Fizeram uma porta entre o meu e o quarto de meus pais e lá tive de contar à vizinha o que se tinha feito porque, se o tempo da amizade estivesse em vigor, teriam pedido a sua opinião para as obras, como sempre acontecia.

Um mexerico tem um poder incalculável, tanto hoje, como naquele tempo em que eram mesmo as mexeriqueiras quem correspondia aos telemóveis e à internet de agora, só que mais lentas, mas também muito demolidoras.

Tal fora apenas um pormenor da vida transferido para um mero copo de açúcar, qual gota a fazer transbordar, que nem sequer era cheio no pedido da vizinha, “apenas um poucochinho para o café de cevada da noite”.

Nasci em casa, no quarto de meus pais, na Rua de Cima, junto a uma japoneira à espera de flor vermelha e junto a uma enorme bela-sombra que crescia livre em frente ao balcão da sala, onde no Verão faziam serões, à luz de petróleo. E os narizes andavam pretos e ninguém nos dizia de que era.

Chamá-la-ei sempre assim, apesar de ter nome de homem ilustre – as ruas quase só têm nome de homens, o que sempre achei e acho muito esquisito e injusto, até porque as raparigas e as mulheres estavam (e estão) em muito maior número lá na minha rua. E no mundo.

Segundo minha mãe, pelas seis horas da manhã, mandaram meu pai à Criação Velha chamar a parteira, uma mulher curiosa que ajudava as outras mulheres a dar à luz, na altura em que ela entrara em sofrimento com o aumento das contracções, o que demorou cerca de seis horas, confirmado pela cédula pessoal, que indicava ter eu vindo ao mundo pelo meio-dia. Nem médico, nem enfermeira, nem qualquer apoio durante a gravidez, nem sequer no nascimento, tudo como primitivamente acontecia, por isso quem escapava teria de ser especial.

Ainda bem que tudo mudou, mas não se pode esquecer aquele tempo e o modo de viver, até para valorizar o que hoje existe e saber exigir com coerência e responsabilidade, mas parece que muita gente pensa que só tem direitos e

as responsabilidades só existem para os outros, sobretudo para os dos governos.

Meus irmãos já nasceram no chamado Hospital (depois é que lhe deram o nome de Centro de Saúde), que tinha um médico para todo o serviço e uma enfermeira e uma ajudante e era um andar para a frente. A melhoria foi tão substancial que tudo parecia diferente, embora fosse tão pouco. Lembro-me da festa de inauguração do Hospital, no lugar onde antes ia, depois da missa, com meu avô materno, assistir ao Pico Sport contra o Atlético das Angústias do Faial, e de lá ter ido fazer uma radiografia, e ir ver um dos meus irmãos, porque das vezes em que parti a cabeça e o queixo fui tratado na Farmácia, em cima do cais. Lembro-me da do queixo, mas não da do tratamento da cabeça. Estaria desmaiado. E escapei! Talvez não de todas as maleitas! Mas isso será outra conversa.

Há, porém, uma coincidência com o dia do meu aniversário, ou decisão das Parcas que o teceram, que não posso deixar de revelar. Coincidência ou mais, muito mais, sinais de outra dimensão? Muitos anos depois de ter nascido, pelas seis horas da manhã, do dia em que eu fazia anos, recebi uma chamada telefónica, das piores da minha vida, senão a pior de todas. Era a enfermeira da Santa Casa da Misericórdia a dar-me a notícia do falecimento de minha mãe. Tinha noventa e três anos. Mais triste não podia ter ficado e muita impressão me fez a coincidência do dia e da hora. Há muitos anos, minha mãe, naquela precisa hora, entrava em sofrimento por mim, começava em trabalhos de parto; naquele momento era eu que entrava em sofrimento por

minha mãe! Uma alegria antiga dava lugar, agora, a uma tristeza permanente.

Há coisas que não se explicam, basta apenas senti-las.

Meu pai e minha mãe morreram e só minha mãe sabe que meu pai morreu e ele não sabe que morreu, mas eu sei e sinto pena e a falta deles. Meu pai tinha um só fato, naquele tempo da década de 1950. Fato preto de calças tão largas que de lado pareciam saias abundantes e ele usava-o ao domingo, nos anos sessenta, quando as calças se foram apertando e eu sentia alguma vergonha das calças de meu pai. Mal sabia, que passados alguns anos, as calças dele estavam outra vez na moda. Meu pai não sabia nem dava por isso e era feliz assim dentro das suas larguíssimas calças que davam, cada perna, bem para fazer saias às raparigas lá da minha rua. Depois de meados dos anos setenta, até os fatos e as calças se democratizaram e já vi meu pai com outros fatos dentro dos padrões da época.

Depois passou a ter outros fatos, vários, e isso provou uma cena caricata. Levou na algibeira, para a sepultura, algumas notas de euros. Não eram muitas. Depois do funeral, meu irmão perguntou a minha mulher se ela tinha tirado alguma coisa da algibeira do casaco. Ela que não, nem tinha metido a mão na algibeira. Então, depois de ter verificado os outros casacos, ele concluiu que havia dinheiro naquela sepultura. Quando, sete anos depois, por causa de minha mãe, se abriu a mesma sepultura, não havia qualquer sinal de dinheiro. Sinal de que as notas de euro não são eternas. Se fosse romano antigo, o dinheiro teria servido para pagar ao barqueiro...

Não me lembro de meu pai ter entrado na moda do terylene nem na da camisa branca com esticadores no colarinho. As gravatas eram duas. Uma preta e uma esverdeada com ramagens. Um par de sapatos e umas meias pretas, sempre dentro dos sapatos, passando de uma utilização para outra. Tinha meias de lã para as albarcas, mas essas não cabiam nos sapatos pretos, feitos pelo irmão que era sapateiro. Ao domingo, antes da missa, mandava-me buscar os sapatos e as meias. Estas já tinham um cheiro especial, mas eu não tinha outro remédio que não fosse experimentá-lo de oito em oito dias.

Sempre fui de remexer em tudo. Gostava muito de abrir as gavetas e de investigar. Investigava os cadernos que meu pai guardava do seu tempo na escola primária e via como ele era arrumadinho e aprumado nos seus trabalhos. E descobri que desde sempre tinha uma paixão por minha mãe. Já na escola primária fazia problemas em que meu avô entrava, como dono dos bois a quem ele passava um recibo. Naquela escola aprendia-se muito, até a fazer recibos de grandes vendas.

Antes de entrar para a escola e de ter o mesmo professor que meu pai tivera, descobri uma coisa estranha e que cheirava também estranhamente. Entrei pela cozinha dentro aos gritos e lavado em lágrimas porque minha mãe estava muito doente e quase a morrer. Trazia nas minhas inocentes mãos uns panos brancos cheios de sangue, tirados da *ministra* do quarto, do lado de minha mãe. Havia outros panos limpos e eu pensei que seriam para ajudar na doença. Se havia tantos e alguns tão ensanguentados, era sinal de que ela estava a passar muito mal e a esvair-

-se. Seria uma doença muito má. Eu só conhecia as minhas febres, e nenhuma estava associada ao sangue. Logo aquilo seria muito grave. Arrancaram-me os panos da mão. Violentamente. Minha mãe. Aos berros e de mão a cair desalmadamente sobre a minha cabeça, que ainda não tinha sido rachada, e meu pai e meu avô calados, só minha avó mandou minha mãe parar, que ela tinha vontade de continuar e vi, de relance, um olhar amigo de minha avó e percebi que talvez não fosse assim tão grande o perigo. Só não percebia a tareia que levara. Afinal, eu queria era salvar a minha mãe. Não a queria perder. Os berros continuavam, que não podia mexer onde não devia, que me calasse, mas eu abria mais a boca e chorava copiosamente sem parar. Não entendia nada. Parecia que todos sabiam do problema menos eu. Ninguém me explicava nada, como não explicaram. Tinha de ficar calado e não mexer mais no escaninho da *ministra*. Claro que continuei a ir espreitar, às escondidas, e a ver menos panos ensanguentados. Alguma coisa mudara, havia menos e eu julguei que havia melhoria na saúde de minha mãe.

Nessa noite rezei pela saúde de minha mãe e esperei pela manhã para ter a certeza de que ela estaria viva. Houve uma ligeira ajuda de minha avó. O tal sorriso maroto que vira no seu rosto, por entre as minhas lágrimas e ranho às catadupas, era verdadeiro. Chegou-se ao meu ouvido e disse-me que era tudo natural e que estava tudo bem, não me preocupasse, que era assim e pronto, mas não me disse o “que o era assim e pronto” significava. De qualquer maneira fiquei mais aliviado e quando vi minha mãe de manhã cedo, então, fiquei mesmo bem. Deixou de haver tantos panos

encardidos de sangue. Talvez a minha inocente curiosidade tenha ajudado a mais higiene, que só entendi muito mais tarde, mesmo muito mais tarde.

Com dezassete anos vi o primeiro penso higiénico feminino, já andava no liceu da Horta. Algumas colegas mais chegadas, abriam a mala para nos mostrar os seus pensos e riam-se e ríamo-nos e era assim. Eram “coisas proibidas” ou a moral católica não gostava que se falasse no assunto. Que tristeza e ignorância!

Mas não esqueço que quando queria um abraço de solidariedade, levei um tremendo estalo, um ou mais. Sempre a aprender, desde cedo!

As raparigas lá da minha rua nunca me falaram deste assunto e algumas já tinham menstruação, mas eram mais velhas e não me davam confiança. As da minha idade, só depois de ter saído lá da minha rua. Amo-as da mesma maneira.



transeatlântico nova série | 002

Manuel Tomás

AS RAPARIGAS LÁ DA MINHA RUA

© Autor e Companhia das Ilhas

Edição 351

transeatlântico | nova série 002

1.º edição JUNHO de 2025

1.º tiragem JUNHO de 2025

Design gráfico e paginação CAM

A pintura reproduzida na página 10 é da autoria de M. Costa.

Fontes

Corpo do texto Swift

Outros elementos Geliat ■ Quick Sand ■ Myriad Pro

Impressão e acabamentos EUROPRESS. INDÚSTRIA GRÁFICA

Depósito legal 548 273/ 25

I S B N 978-989-9154-75-9



COMPANHIA
DAS ILHAS

Rua Manuel Paulino de Azevedo e Castro, 3

9930-149 LAJES DO PICO

Telefones ■ Rede móvel: 912 553 059 | 917 391 275 ■ Rede fixa: 292 672 748

companhiadasilhas lda@gmail.com

www.companhiadasilhas.pt